
MÚSICA
10 MAIO '07
FOLK SONGS
TRIO

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



QUI 10 MAIO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H30 · M/12

Contrabaixo, Instrumentos de sopro tibetanos,
Instrumentos de corda norte-africanos William Parker
Percussão electrónica, Lap-top, Voz Guillermo E. Brown
Toha, Arha, Acrux, Kissange Victor Gama
Produção Criativa David Gunn
Direcção Artística Victor Gama
Web-design Alastair Dant, Tom Davis e David Gunn
Iniciativa The Folk Songs Project
Produção Executiva PangeiArt
Design de Comunicação Carla Isidoro

Folk Songs Project: urbanidades

É como as matrioskas, bonecas russas feitas em madeira e pintadas com cores vivas que contêm dentro outras bonecas, cada uma o clone da anterior, mas com proporções cada vez mais reduzidas. A boneca-mãe é o Folk Songs Project, um *work-in-progress* digital – ou seja, com existência na Net – concebido e desenhado pelo artista David Gunn, de

que algumas componentes passam para o lado físico da realidade: uma é o trabalho comunitário, de recolha de sons com significado social em zonas específicas das cidades e de envolvimento das populações locais; outra é a apresentação da vertente performativa e especificamente musical, sempre nas áreas em que toda a laboração se processou. Esta é protagonizada pelo

Folk Songs Trio, agrupamento formado por William Parker, Guillermo E. Brown e Victor Gama que improvisa sobre as misturas das captações efectuadas (ambientes urbanos, falas de circunstância, extractos musicais populares). O arranque data de 2005 com Folk Songs For The Five Points, incidindo sobre o Lower East Side de Nova Iorque, numa co-produção com o Tenement Museum. Montou-se um *website* interactivo (www.tenement.org/folksongs) em que os cibernautas podem ouvir os *samples* áudio gravados clicando nos pontos do mapa que correspondem aos lugares onde os microfones estiveram. O objectivo foi questionar a forma como as identidades se formavam nos bairros em questão, sobretudo entre imigrantes provenientes de várias regiões do globo. A actuação ao vivo no museu também foi registada e um CD com o mesmo nome documenta-a para a posteridade.

Em 2007 sucedem-se as fases 2 e 3, respectivamente em Portugal (com paragens em Lisboa, Torres Vedras, Porto, Braga e Guarda) e no Reino Unido (Manchester). Para o efeito, organizou-se no nosso país a operação Cinco Cidades e colocou-se *online* um segundo *site*, o www.cincocidades.com, além de se ter estabelecido um esquema de produção em rede partilhado com a Culturgest, a Cooperativa de Comunicação e Cultura, a Fundação de Serralves, o Theatro Circo e o Teatro Municipal da Guarda. É o que vamos ouvir e ver neste mês de Maio, e necessariamente com resultados distintos em cada caso. Para o Verão está marcado o Manchester: Peripheral, iniciativa da Futuresonic e do Museum of Science and Industry inserida no

Manchester International Festival, já com o indispensável *website* a funcionar e o seu próprio *soundmap* (www.manchesterperipheral.com). Em Portugal como na Grã-Bretanha, o tema é o modo como as pessoas vivem em meio urbano, com um tratamento mais metafórico e simbólico, ou seja, artístico, do que propriamente sociológico.

Se os maiores chamarizes do Folk Songs Project e mais especificamente do Folk Songs Trio são William Parker e Guillermo E. Brown, figuras de topo do *jazz* avançado que nos chega do outro lado do Atlântico, a alma do projecto e do grupo é Victor Gama, músico angolano residente em Sintra que já vai beneficiando de grande notoriedade internacional. Inventor e construtor de instrumentos baseados na tradição do seu país natal, mas inovadores em termos de design e sonoridade, como o toha, o arha ou o acrux, o percurso musical de Gama tem muito de militante, e especialmente em prol da cultura e da população de Angola. Fê-lo em várias frentes, como a criação de um arquivo da música de raiz da costa ocidental de África, o levantamento da herança Bakongo num momento em que quase parecia perdida ou o desenvolvimento de um processo de escrita musical, a que chamou de Modos Golianos, baseado no antigo sistema gráfico Bidimbu, no cosmograma Dikenga e no conceito de N’Kizy, um objecto de carácter místico que representa a miniaturização do mundo. Em paralelo, tem levado os seus Pangeia Instrumentos (aludindo ao período mesozóico da evolução do nosso planeta, quando todos os continentes estavam reunidos num só) para contextos de diálogo com

a electrónica, contando com parceiros como Max Eastley, Thomas Köner, Asmus Tietchens e @c (Pedro Tudela e Miguel Carvalhais), entre outros. Um dos seus mais bem recebidos álbuns foi editado por Aphex Twin, nome bem conhecido da música por computador e do DJing, na sua própria etiqueta, a Rephlex Records.

Este visionarismo encontra os parceiros ideais em Parker e Brown. Apontado como um dos maiores contrabaixistas do nosso tempo, William Parker defendeu já que só mediante uma perspectiva visionária é possível “descobrir a vida e alterá-la”, assim se iniciando uma “revolução humana” em que “os sonhos se aproximem da realidade”. Não se trata apenas de um chavão: um dos seus mais recentes discos, *Long Hidden: The Olmec Series*, explora a relação que parece existir entre o povo mandinga de África e os olmecs do México, antepassados da civilização maia. Isto porque ficou intrigado com as semelhanças dos hieroglifos de um e do outro lado do oceano, pressupondo-se que terá havido alguma relação, não nos sendo possível imaginar como. Ouvimos e os pressupostos parecem ser ainda mais latos, pois a música proposta remete-nos também para o funaná de Cabo Verde e para o *zydeco* dos pântanos da Louisiana. De notar que Parker trará consigo o *doussn'gouni* e o guimbri, respectivamente uma harpa e um alaúde africanos, além de instrumentos de sopro do Tibete. O universalismo das suas funções é óbvio. O que Guillermo E. Brown não vai utilizar é a convencional bateria. Em vez de peles e metais, servir-se-á de máquinas. A sua intervenção no projecto Folk Songs é exclusivamente electrónica,

se bem que ainda e sempre percussiva. Entre texturas e ritmos – e Brown é, sem dúvida, um exímio ritmista –, é uma equação igualmente o que opera neste contexto, tendo como matéria-prima as músicas negras dos EUA, indo do *jazz* ao *hip-hop* com outras métricas de permeio. “Uma amálgama que reflecte a condição americana”, como já teve oportunidade de dizer, pois a América tornou-se num paradigma dos cruzamentos e das osmoses culturais a que vamos assistindo, aqui em Portugal tal como em outras paragens.

O Folk Songs Project não tem como finalidade proceder a sínteses, mas celebrar a diversidade e a mudança. Talvez as metrópoles dos nossos dias não divirjam muito entre si, mas são estruturas complexas e como tal suscitam experiências distintas por parte dos indivíduos. Os que lá vivem, os que estão de passagem, os que observam de fora. Antes de William Parker, Guillermo E. Brown e Victor Gama iniciarem o seu périplo português, estiveram cá em Março passado David Gunn, Tom Davis e Alistair Dant, para gravação das paisagens sonoras das cinco cidades por onde o trio vai passar. No caso de Lisboa, interessaram-se pelo ladrar dos cães, as sábias histórias dos velhotes, a música dos bares, as caixas de moedas das igrejas. E pela coreógrafa e bailarina Vera Mantero a ler poesia, as recordações insulares de Tito Paris, os trompetes e trombones da Tora Tora Big Band...

RUI EDUARDO PAES
(CRÍTICO DE MÚSICA, ENSAÍSTA,
EDITOR DA REVISTA JAZZ.PT)
[HTTP://REP.NO.SAPO.PT](http://rep.no.sapo.pt)

William Parker

Nasceu em Bronx, Nova Iorque, em 10 de Janeiro de 1952. Como contrabaixista possui uma formidável técnica apesar de não convencional. Não teve uma aprendizagem formal do instrumento, embora tenha recebido lições de músicos como Jimmy Garrison, Richard Davis e Wilbur Ware, com quem aprendeu a tradição.

Participando em mais de 150 gravações nas últimas três décadas, William Parker tem sido a força que mantém viva, e presente na consciência de tantos ouvintes, a tão incompreendida noção de *free jazz*. Considerado por muitos como o maior contrabaixista de sempre do *free jazz*, hoje o seu nome é citado com tanta frequência como os dos contrabaixistas Dave Holland, Charlie Haden, Barre Phillips e Barry Guy.

Com uma presença constante na cena do *jazz* progressista de Nova Iorque desde a década de 1970, e fazendo parte do núcleo duro dos membros do grupo do pianista Cecil Taylor na década de 1980, é difícil citar o nome de um artista com quem Parker não tenha tocado. Mas se isso foi ontem, hoje ele permanece com a intensa actividade de sempre, seja musical seja de intervenção social, servindo como a mão invisível por detrás de grupos como os de David S. Ware, Matthew Shipp, Assi Tsahar; dirigindo, com a sua mulher, a bailarina Patricia Nicholson, um dos primeiros festivais no mundo de nova música, o Vision Festival em Nova Iorque; liderando o seu próprio quarteto, In Order To Survive, com Cooper-Moore, Rob Brown e Susie Ibarra; compondo e tocando em diversíssimos projectos

como, por exemplo, o que o reúne ao poeta e dramaturgo David Budbill, com quem fez várias digressões em espectáculos de música e poesia.

“William Parker é, sem dúvida, o mais notável contrabaixista da era *post* Mingus. O grande músico que é dotado de uma fantástica capacidade de tornar qualquer artista perto dele – músico, bailarino, pintor ou poeta – um melhor artista.” – Eyal Hareuvi, “Everything is Valid” in www.allaboutjazz.com

Guillermo E. Brown

Baterista, emergiu a partir da sua associação com David S. Ware e outros músicos do *free jazz* de Nova Iorque. Como solista, ou trabalhando com artistas como o duo de música electrónica Spring Heel Jack ou o pianista Matthew Shipp, conseguiu combinar o *jazz* tradicional e o *free jazz* com música electrónica, *hip-hop* e música étnica.

Brown nasceu em 1976, em New Haven, numa família com tradições musicais. Cresceu em torno do *jazz*, do *hip-hop* e do *rock* e, depois de ouvir o DJ Spooky, envolveu-se na música ambiente e *techno*. Substituiu Susie Ibarra no Quarteto de David S. Ware antes da gravação do álbum *Ware Surrender*, em que também participou William Parker. Tocou igualmente no CD *Corridors Parallels*, de 2001, em que pela primeira vez Matthew Shipp, no sintetizador, aparece no grupo de Ware. Nesse mesmo ano participou no álbum *Seeing By the Light of My Own Candle* do grupo do saxofonista Rob Reddy, em *It's Krunch Time* do trompetista Roy Campbell e em

Masses, um álbum em que participam muitos dos músicos de *free jazz* nova-iorquinos improvisando sobre faixas criadas pelo duo Spring Heel Jack. Em 2002 Brown apareceu no álbum *Optometry* do DJ Spooky, no *Nu Bop* do disco de jazz/hip-hop de Matthew Shipp e tocou com a *big band* de William Parker, Little Huey Creative Music Orchestra. Brown também lançou o seu primeiro disco a solo, *Soul at the Hands of the Machine*, um álbum ainda mais eclético do que aqueles em que havia participado.

Victor Gama

Tem vindo continuamente a desenvolver uma impressionante constelação de instrumentos musicais desde o início dos anos 1990 – os Pangeia Instrumentos. Algo visualmente próximo das criações do suíço/brasileiro Walter Smetak e acusticamente relacionado com o trabalho de construção e composição de Harry Partch, os concertos, exposições e ateliers de Victor Gama são frequentemente apresentados em palcos, centros culturais e galerias de todo o mundo, incluindo o Harbourfront Center de Toronto, Gigantic Artspace em Nova Iorque, The Hub no Reino Unido ou a Fundação de Serralves, no Porto, entre muitos outros.

Músico/engenheiro, criou um sistema de escrita musical a que dá o nome de Modos Golianos, através do qual introduz o design, construção e materiais como variáveis. Nascido em Angola, implementou o primeiro arquivo digital de música rural, o projecto Tsikaya, realizando regularmente trabalho de

campo naquele país. Participa actualmente no projecto Berimbau-Ungu com Naná Vasconcelos e Kituxi e no Folk Songs Trio, com William Parker e Guillermo E. Brown.

Desde 1997 que tem vindo a desenvolver colaborações com artistas com Max Eastley, Vernon Reid, C. Daniel Dawson, Newton Moraes Toronto Dance Cia., Heitor Alvelos, Carlos Garaicoa, Barbaro Martinez e Francisco Gama. Para além de várias compilações, edita o álbum *Oceanites Erraticus* (2001) e *Odantalan* (2002) para a PangeiArt e o álbum *Pangeia Instrumentos* (2003) com a Rephlex Records.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

MÚSICA SÁB 19



Coro Sirin

Dirigido por Andrey Kotov

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h00 · M/12

O Ensemble Sirin, também designado Coro Sirin, foi formado em 1989 por um grupo de músicos profissionais que tomaram esse nome da designação de um pássaro do Paraíso presente nas lendas cristãs russas. Antes de formar o coro, Andrey Kotov estudou durante vários anos o folclore sagrado russo, visitando os mais remotos lugares do país onde as antigas tradições ainda são preservadas.

Os membros do Sirin colaboram com o Museu Central Andrei Roublev, especializado no estudo da antiga cultura russa. Desenvolvem ainda um importante trabalho de campo investigando e

procurando reconstruir a autenticidade deste estilo de canto, em diálogo com pessoas que seguem esta tradição, designadamente crentes mais velhos.

O compositor Vladimir Martynov musicou, especialmente para o Coro Sirin, as *Lamentações de Jeremias* do Antigo Testamento. Uma versão teatral, em que todos os papéis foram desempenhados pelos membros do Sirin, teve mais de 150 representações na Rússia, em França (Festival de Avignon), Itália, Alemanha, Estónia e Suécia, tendo sido considerado no seu país a melhor produção teatral do ano e recebido a “Máscara de Ouro”, a mais alta distinção da Rússia para o teatro.

No concerto desta noite vêm interpretar a música sagrada de origem popular em que se especializaram, mas aqui e ali o programa também inclui cânticos da liturgia da Igreja Ortodoxa retirados de manuscritos do século XVII.

Leia no site da Culturgest, DERIVAS, uma crónica semanal de Augusto M. Seabra.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos